

MAFRA

Quem lê desprevenidamente as pomposas relações do modo como foi executada a traça magnificente do convento de Mafra, erê e pasma na convergencia de forças, de vontades e devoção do paiz a coadjuvarem o pensamento de D. João V.

Primeiro que tudo, saibámos como se desenhou na fantasia do filho de Pedro II aquella pedreira.

Um dia encontraram-se no paço o bispo D. Nuno da Cunha e o franciscano fr. Antonio de S. José.

O bispo capellão-mor disse ao frade:

—V. Reverencia encomende a Deus S. Magesta-de para que lhe dê successão. El-rei nosso senhor anda triste, porque a rainha nossa senhora lhe não dá filhos.

O servo de Deus respondeu:

—El-rei terá filhos, se quizer.

O fradinho sahio. E o bispo inquisidor, reflectindo na resposta mysteriosa de fr. Antonio, perguntou ao Marquez de Gouvea:

—Que conceito faz da virtude d'este arrábido?

—Tamanho, que o fiz padrinho d'um filho meu.

—Oh!—exclamou o futuro cardeal.

Volvidos dias,olveu D. Nuno da Cunha a encontrar-se com o frade e a perguntar-lhe o sentido latente da sua resposta. O arrábido poz os olhos no ceo e disse:

—Prometta el-rei a Deus fazer um convento na villa de Mafra, que logo Deus lhe dará successão.

Dito e feito, feito quero dizer não o convento, mas o fruto desejado. No mesmo anno de 1711 deu a rainha á luz uma menina.

Fr. Antonio, quando a princeza nasceu, tinha ja morrido. Passou; mas o vestigio que deixou na terra é aquillo: é o convento de Mafra. Saiba-se, e apregõe-se este nome aos ingratos de hoje. Se não tivesse existido um carpinteiro que, aos vinte e cinco annos, vestiu a tunica de S. Francisco, e se chamou fr. Antonio de S. Jose, não teria Portugal aquelle poema de granito que mostrar aos estrangeiros espantadiços, poema que na ordem dos poemas corre parelhas em pezo e sensaboria com a *Malaca conquistada*, com a *Ulyssippo* e outros que taes das gordas musas da nossa terra.

Sahiram, logo que a rainha deu signaes de fecunda, tres frades para Mafra a fundar o hospicio, e D. João V foi pessoalmente escolher o logar do convento. As expropriações e damnos causados aos agricultores comvisinhos em diversas epochas sommaram 14:738\$150 reis. O primeiro voto do rei tinha sido economico: a promessa feita a Deus era de convento para treze frades. Depois, subiu a quarenta; depois a oitenta; e ultimamente a trezentos. Nesta conformidade delineou o architecto alemão Ludovicci a sua traça.

Cavaram-se os alicerces a braços de quatro centos até seis centos homens por dia e a vinte palmos de profundidade.

Foi benzida a primeira pedra no dia 17 de novem-

bro de 1717 com tão lusidas festas que todo o encarecimento viria curto depois de se dizer que orçou por duzentos mil cruzados o custo d'ellas.

Lançada a primeira pedra, subiram os operarios de vinte a vinte e cinco mil diariamente; mas n'algumas temporadas trabalhavam passante de quarenta mil pessoas matriculadas nos roes dos jornaes.

Ao cabo de treze annos, convertidos e estagnados alguns milhares de contos n'aquella serra de cantaria, ou *bagatella maravilhosa*, como lhe chama o sr. A. Herculano, o jubiloso rei, apontando para os paramentos sacerdotaes que mandára expor no pavimento da basilica, dizia: «Saibam que isto que vêem me custou mais dinheiro que toda essa grande maquina de pedra que nos cerca.»

Estava consummada e perpetuada a pia parvoice, que em relação ao tempo era o maximo arrôjo d'um animo emprehendedor. O Luiz XIV portuguez remirava-se no seu Louvre. O constricto das façanhas juvenis, exercitadas por conventos de monjas, cuidava que por de traz da ingente basilica de Mafra o não veria Deus, nem o supremo juiz, de puro atordoado com as psalmodias dos frades e o estridor do carrilhão, ouviria accusações de queixosos.

Volviendo agora ao principio d'este escripto, torne-mos a maravilhar-nos do fervoroso auxilio que prestou á devoção do rei o paiz representado nos milhares de operarios, que alli concorriam de longes terras. Aquella espontaneidade, se a não explica o liberal estipendio, hemos de arguil-a ao espirito piedoso que ja vimos obrar prodigios na edificação da Senhora da Lapa do Porto, se é licito comparar a obra do Padre Angelo de Siqueira á de fr. Antonio de S. José.

Ora, se o leitor quer ver que nem piedade, nem generoso estipendio explicam o prodigioso afan n'aquelles treze annos de incessante trabalho, leia uma carta inedita que um dom abbade benedictino escrevia a outro respondendo ao convite de irem com a corte assistir á sagração da basilica em 22 de outubro de 1730. A carta esteve archivada em Tibaens até que o cartorio se desfez e espalhou. La guardavam os frades esta pagina do «jornal opposicionista» d'aquelle tempo. Frades eram então os politicos, os obreiros clandestinos das objurgatorias á laia d'esta. Justos ou injustos, imitantes dos modernos, aquelles publicistas ineditos lavraram os seus protestos diante da posteridade. Por isso ficaram, e formam hoje a historia. Se os atirassem aos prelos e os divulgassem ás paixões do dia, chegariam até nós sem força nem preponderancia na balança do bom e mau do seculo passado. Mas o peor para o frade, certo, não seria o descredito do seu artigo de opposição, caso algum editor lh'o estampasse. E' bem de crer que lh'o trasladassem para as costas a ferro em braza, se á noticia do corregedor do bairro chegasse a seguinte carta:

«Meu amigo e sr. V. R. me convida para esta galhofa de Mafra, e eu tenho por galhofa rogar-me vm.^{co} para esta funcção; por que, podendo caber nas clauzulas da rasão o apetite de ver novidades, não se compadece com

a profissão de catholicos poder achar gosto no que tem sido assumpto de tantos pezares, nem ter olhos para ver o que tem sido cegueira de todo este reino, nem menos que haja rizo onde se vê tanto chorar. Se V. R. está de animo para ver miserias, lastimas e estragos, pode fazer a sua jornada, que eu, segundo a lei que professo, me não posso capacitar que seja licito o ver nem applaudir as obras de Mafra; e, por que a proposição não pareça a *vm.^o* absoluta, recorra aos meios que se tomaram para a edificação d'este edificio, e os achará totalmente contrarios á disposição da lei natural e divina; de cuja consideração sahe legitima a minha consequencia.

«Em primeiro lugar, foi errado o meio de constrianger os homens n'esta apetitosa obra, por ser voluntaria e não util e necessaria ao reino, por que o principe, ainda que soberano, não tem dominio na liberdade dos seus vassallos aos constrianger involuntarios nas coisas que privativamente pertencem ao gosto do mesmo principe, e quando obra absoluta, fica transgressora do direito natural como qualquer outro particular. Testemunhas da coacção e da violencia não somente somos nós que com nossos olhos vimos a tantos homens arrastados pelas estradas e ruas com cordas e cadeias conduzidos por beliguins como delinquentes justificados, como tambem são as mesmas pedras a quem feriam os gemidos famintos em que desafogavam aquelles corações afflictos, ou já por que se consideravam reduzidos a estado de escravidão immerceda, ou por que na tyrannia dos conductores experimentavam inhumanidades.

«Foi errado tambem o meio de se fabricar o magnifico edificio á custa das fazendas alheias, porque o principe não é senhor das fazendas dos seus vassallos para as converter e distribuir a seu alvidrio; e é absolutamente contra a lei divina tomar o alheio contra a vontade de seu dono. E note bem, meu amigo, se é que pode caber na comprehensão o que pode ser abysmo, as perdas e damnos em que se tem arruinado este reino com as obras de Mafra, passe a descorrer particularmente por ellas, e achará que nem uma só pessoa d'este reino poderá dizer com verdade que se acha eximida d'ellas; e, como pelos effeitos chegamos ao conhecimento das causas, recorra *vm.^o* ás lagrimas que se tem chorado e se vão chorando para d'ellas inferir as perdas e damnos que são as lagrimas com se explicam os vassallos opprimidos. Choram os homens as perdas dos seus bens convertidos contra vontade sua em vaidades; choram a perda da saude em um continuo giro de trabalho, expostos ao rigor do frio sem cama em um deserto, no intenso das calmas, sem sombra nem abrigo; choram a miseria da fome sem pagamento; choram a perda das vidas e das almas na falta dos sacramentos em artigo de morte, com evidente perigo de salvação. Grande miseria!

«Choram as mulheres a falta de seus maridos, por lhes faltar o soccorro dos jornaes com que as amparavam. Choram os filhos por que não tem pais que lhe administrem um bocadinho de pão. Choram os ecclesiasticos as immunições da igreja, por que lhes faltam ao

respeito, tomando-lhes as bestas, bois e carros. Choram as comunidades dos religiosos, por que fora d'horas se lhes rompem as suas clauzuras, e n'ellas entram os beliguins, esbirros e lacaios que com el-rei na barriga os não exceptuam das vulgares insolencias que costumam praticar. Choram os grandes da corte o seu abatimento; que lhes não guardam aquelles foros que grangearam á custa das proesas que seus antepassados obraram expondo as vidas e fazendas para em todas as quatro partes do mundo estabelecerem dominio aos reis d'esta monarchia, e por lhe sustentarem na cabeça a coroa que logra; achando-se reduzidos ao foro de plebeus, sem aquella distincção com que foram condecorados ainda pelas mesmas leis Chora a corte o seu universal estrago por que se arruinam os seus edificios sem remedio por falta de artifices e materiaes para se acudir aos seus reparos. Na mesma corte choram os templos porque se acham as santas imagens sem veneração e sem limpeza. Choram as povoações do reino o seu estrago. Choram as aldeias e os campos a falta de cultura por que não ha agricultores que os fabriquem. Choram os montes porque lhes falta a sociedade dos pastores e dos gados. Choram os animaes sobpostos a excessivo trabalho sem alimento. Tudo quanto ha no reino chora, por que tudo é escravidão sem esperanza de resgate, pois se fazem irreparaveis as perdas e damnos que se experimentaram e vão experimentando.

«No excesso da sua dor disia David que lhe serviam de pão as lagrimas de dia e de noite; e com diferente motivo estamos vendo que servem de pão as lagrimas, noite e dia, aos moradores de Portugal. No ceo ainda se ouvem e eternamente ouvirão os brados do sangue de Abel injustamente derramado ás mãos da tyrannia de seu irmão Cain. E porque não se ouvirão no ceo os brados de sangue de tantos Abeis derramado á instancia de maior tyrannia e nunca vista crueldade?

«Se são estes meios, meu amigo, diga-me V. R. falando como homem e como catholico, como pode ser o seu fim do agrado de Deus? Por mais que se me diga que esta obra se encaminha ao serviço de Deus e seu louvor, por força de fé estou obrigado a crer que não podem ser do agrado de Deus. As obras de que Deus se agrada são as de misericordia e justiça exercitadas com virtude. Obras feitas contra a virtude da justiça e misericordia são obras do diabo, que não de Deus. Furtar para daresmolos é proposição condemnada. Fazer templos dedicados a Deus com prejuizo de terceiro á custa do sangue dos pobres; não se ajusta com a lei que professamos. E, se não pode ser do agrado de Deus, que quer o meu amigo que vamos ver a Mafra? Que podemos ver que não seja incentivo para magoa? Que faz que sejam marmores delicadamente lavrados, se a consideração e piedade de catholico me convida a discorrer que todo este reino tem sido cordeiro de cujas veias correu o sangue para amollecere as durezas do marmore? Que importa a inexplacavel perfeição d'aquelle edificio se a razão me obriga a pensar que os seus materiaes foram amassados com lagrimas e suor do rosto dos pobres? Que monta a magnificencia do templo, se

não ha pedra em cuja frente não estejam gravadas com letras de sangue as effigies da maior violencia e tyrannia? Meu amigo, que somos nós, catholicos ou barbaros? Se catholicos, não devemos com a nossa curiosidade approvar effeitos da soberba e deshumanidade.

«De que serve a composição dos sinos para a solfa dos minuets, se a letra que entoam são os gemidos e lamentos com que desafoga o coração de um reino afflicto? No templo de Deus, a melhor solfa para entoar seus louvores é aquella que se compõe do tempo perfeito que é o da graça, e a que tem por propriedades as boas consciencias, por vozes as orações, por figuras as virtudes, por pausas a observancia dos preceitos, por pontos os da perfeição nos costumes, e por mestre da capella o amor de Deus. Nas mesquitas dos hereges é que somente podem fazer boa consonancia os minuets, bons incentivos para vicios. Trocamos os templos em mesquitas; pois vemos que para Mafra, que havia de ser templo de Deus, se compozeram os minuets das mesquitas de Inglaterra. Seja Deus sempre louvado, pois permite que os capuxinhos da Arrabida passassem do estado de humildes ao da grandesa, da estreiteza dos cubiculos á amplitude d'um palacio, da pobreza das esmolas pedidas, á razão palaciana com tanta fartura administrada, da modestia de frades a bailarinos de minuets, que vale o mesmo que de virtuosos franciscanos a uns relaxadores Latheros. E outras tantas mil vezes seja Deus louvado pois permittiu que resurgisse a soberba de Babel, e que esta torre se continue sem nos confundir as linguas para falarmos na nossa confusão!

«Finalmente, meu amigo, para ver Mafra não é necessario ir a Mafra; por que ella por nossos peccados está em toda a parte do reino; pois não haverá n'elle pessoa que não tenha tomado entre dentes a Mafra, e a não traga atravessada na garganta e coração... No nome de *Mafra* temos descoberto o inimga. Vamos tirando a mascara. Repare bem que se compoe Mafra de cinco letras que todas denotam a nossa perdição. Denota o *M* que seremos mortos; o *A*—assados; o *F*—fundidos; o *R*—roubados; e o ultimo *A*—arrastados. E, se assolados, roubados, fundidos, arrastados e mortos são os termos a que nos achamos reduzidos, por pratica e experiencia de justiça, estamos obrigados a diser mal de Mafra e desterral-a: pois desde o diluvio universal esteve reservada no calcanhar do mundo para ser o diluvio universal d'este reino.

«Não posso, meu amigo, alcançar o odio que tem o rei aos seus vassallos, nem em que degenerassem para ser desherdados d'aquelle agasalho que mereceram aos reis seus predecessores; porque na constancia do soffrimento e lealdade dos affectos não os ha mais dedicados. O certo é que este abatimento é disposição para nos fazer apostar da lei, para o que é já principio esta affectada quebra com a sede apostolica e serão os fins a mesquita de Mafra, onde por peccados nossos veremos as cerimoniaes da lei escripta. Deus nos dê da sua graça e tenha de sua mão a que não desesperemos da salvação, e a V. R. dê luz

para se retirar de ver Mafra á qual eu não chamarei templo de Deus, mas sim espelunca de ladrões. E por não approvar o que não pode ser do agrado de Deus, não quero ir a Mafra etc.»

E não continha mais a insolente carta do dom abbede benedictino. Reluz n'ella o que quer que seja de verdade e justiça. Escriptores coevos em termos moderados e timidos delataram o despotismo com que as auctoridades provinciaes compelliam os agricultores e officiaes a irem trabalhar em Mafra. Um escriptor nosso contemporaneo presume que D. João V ignorava as violencias praticadas, e aceitava como espontaneidade amorosa de seus vassallos a prodigiosa concorrência de braços. (*) Como quer que fosse, a pressa que tinha o rei de reproduzir-se, e o valimento de fr. Antonio com as forças fecundativas que descem do ceo, geraram grandes angustias, enormes desperdicios e um acervo de pedaços de marmore que tanto montam alli como nas pedreiras d'onde os quebraram. Dos zimbórios esplendidos do templo para cima está o ceo, onde, primeiro que as orações dos frades, chegaram as lamentações dos oprimidos pelos verdugos do braço real. Aquillo não convida almas devotas nem poeticas. O que resumbra da opulencia carranuda e dura de tanta pedra vestida de laçarias e folhagens é muitissima hyocrisia e muitissimo ouro que ja vinha orvalhado das lagrimas d'outros oprimidos d'alem-mar.

C. CASTELLO-BRANCO.

ECCOS DE LISBOA

Um suicidio.—A monomania suicida de nossos dias.—De como uma mulher se ataviou para a morte, como se fora para uma festa.—Contradição de um espirito allucinado.—*Revista do anno de 1857*.—Ninguém quer ser revistado.—A censura com escrupulos.—Rodrigo da Fonseca Magalhães e o finado ministro do Brazil.—Os espiritos elevados não temem o ridiculo.—Uma das pragas do Egypto.—O poço historico da rua da Prata.—Antigas thermas romanas.—Conflictos na canalisação.—As cisternas mouriscas e os ramos do peste.

O acontecimento mais notavel d'estes ultimos dias é um acontecimento bem lastimoso: é um suicidio. Os suicidios, em Lisboa, tem-se tornado infelizmente uma enfermidade moral frequente, mas este singularisa-se pelas circumstancias extraordinarias que o acompanharam. Foi uma mulher a suicidada: contava quarenta e tantos annos. Ainda era formosa e de gentil e elevada estatura. Ficava viuva ha annos, e d'este consorcio tivera um filho, que hoje é homem. Depois, amancebou-se, com um individuo bem estabelecido, n'um dos arruamentos da baixa, de quem teve mais seis filhos, que todos o pae enfeitara, mettendo-os na roda...!

Fôra sempre com entranhado desgosto, que a pobre mulher vira realisar este acto, e, pelos modos chegara

(*) *Panorama*, 4.º vol. da 1.ª Serie, pag 66.

algumas vezes até a exprobrar tão desamoravel desapêgo no homem que, com bens da fortuna e não duvidando da paternidade dos recém-nascidos, os repulsára para o local, onde a sollicitude da caridade official corrige a immoralidade de tão ruins sentimentos.

Estas magoas e outras, geraram desavenças entre estas duas creaturas, que as benções da igreja não uniam nem um affecto santo e nobre purificava para com a benevolência da sociedade. O homem via n'ella talvez unicamente a satisfação brutal dos seus desejos mais animaes; e ella, a desditosa, encontrava n'elle por ventura um d'estes *arranjos*, que, para a mulher, tem apenas a significação que um emprego qualquer tem para um homem.

Afinal veio a discordia e, com ella, a separação. Mas a separação chegou para a infeliz, com a circumstancia infamante de nunca mais lhe ser aberta a porta da casa do homem com quem estivera. Este homem tinha uma filha da esposa, que lhe fallecêra, pois tambem era viuvo, menina a quem muito queria a suicidada. Desapegada cruelmente dos fructos que reclamavam o seu affecto materno, aquelle coração de mãe como que adoptára a filha alheia, por alimentar o sentimento que assim subsistia menos exacerbado de saudades. Não tornar pois a ver aquella menina, em cuja estima consubstanciava todos os carinhos e extremos de mãe, tornava-se o golpe mais fundo que lhe podia descarregar a adversidade. Arrancar-lhe seus filhos fôra já uma crueza; mas privar-a do objecto com que o sentimento materno se illudia, era uma impiedade.

Esta resolução desalmada operou na organização da pobre creatura, como operam as grandes dores: rasgou-lhe o coração e turbou-lhe o entendimento. D'ahi por diante fallou sempre em querer matar-se, e por mais de uma vez attentou contra a vida. Estas tentativas, sabidas a tempo, e prevenidas, poderam ser mallogradas, mas por fim a monomania suicida pôde mais que todas as cautellas.

N'um dia, pela manhã, a leiteira bateu-lhe á porta, e ninguém respondeu. Depois veio o aguadeiro, e da mesma sorte bateu, sem que lh'a abrissem.

Inquietou-se e disse-o ás visinhas. Estas vieram e descarregaram fortes pancadas sobre a cancella, sem que tivessem melhor resultado.

Pozeram o ouvido á escuta, e não sentiram rumor; espreitaram pela fechadura, e não viram ninguém.

Sobresaltou-as então a suspeita. Veio-lhes á lembrança a terrivel mania da malaventurada mulher. Deuse parte ás auctoridades, e estas vieram e arrombaram a porta.

Agora começa a singularidade d'este acontecimento.

Até aqui não passava de um d'estes lastimaveis episodios, desgraçadamente vulgares n'estes nossos tempos, e sobretudo em Lisboa, em que, apagado todo o vislumbre da esperanza no conflicto de graves transtornos moraes, a pobre creatura descrê da providencia divina e appella desesperadamente para o chamado *nada* da ma-

teria. Porém, d'aqui em diante os pormenores d'este successo assumem a gravidade que só uma inconcebivel firmeza de espirito, e, ainda mais, uma incontestavel elevação de character, lhe poderiam imprimir.

Como disse, a porta da casa foi arrombada e aberta.

E com que espectaculo deram os olhos, mal devasaram o que lá ia dentro?

Havia só uma saleta: para dentro uma alcova, e ao lado a pequena cosinha da casa.

A entrada da alcôva ficava mesmo em frente e a alguns passos da porta da escada, por isso os curiosos que acudiram a presenciar este lance, assim que entraram, deram logo de chapa com o triste painel, que ahi vou descrever.

Na parte superior da entrada da alcôva, entre os alisares, haviam sido passadas umas cordas e d'essas cordas pendia o corpo da infortunada mulher.

Por uma illusão de optica, porque o fundo da alcôva estava escuro, e a claridade batia de fóra na infeliz, realçando-lhe as formas, ou talvez por uma d'aquellas allucinações dos sentidos faceis de experimentar em momentos taes, a todos pareceu ver, que o corpo suspenso caminhava para a frente, como vindo a receber a gente que entrava.

Uma repulsão de pavor fez recuar os mais adiantados.

Vencido este movimento involuntario, os olhos poderam analysar as particularidades d'esta scena.

Em consequencia do peso do corpo ser grande, porque a suicidada era nutrida, e as cordas haverem sido escolhidas com rara e desgraçada sagacidade, pois eram delgadas, fortes e escorregadias, o laço tinha corrido e apertado estreitamente, e o pescoço estava cortado do lado da garganta.

Note-se, porém, o mais extraordinario.

A malaventurada mulher tinha-se preparado como se fôra para uma função. Estava vestida de seda preta, penteada com esmero e até com garridice, e de luvas de pellica calçadas e abotoadas....!

Como entender esta perluxidade na mulher que só via na *anniquilação* o termo dos males d'este mundo?

Como admittir, que a cabeça que adoptava o suicidio como a solução unica das grandes crises da vida, se occuparia a pensar nos adornos mais futeis da tafularia feminina?

Inconcebiveis incoherencias que todas se encontram n'este insondavel abysmo, chamado espirito humano!

A um lado, sobre uma mesa, fôra posto um cruxifixo; diante uma lamparina: e para que a luz se não extinguisse e esta formula de culto não afrouxasse, a lamparina estava toda cheia de azeite, e não meia de agoa conforme é uso.

Quem explica isto?

Que idéa teria da religião de Jesus e da vida eterna aquella, que na mesma hora em que se prostrava em espirito diante da santa imagem, comettia o mais pusillanime dos crimes, attentando contra os proprios dias?

Seria aquella luz alli acesa uma supplica do perdão ou já o instincto do arrependimento, vislumbrando por entre as trevas da allucinação mental?

Não o sei eu, nem ninguém. Os labios que o podiam dizer, estavam gellados e inertes.

O que mais certo se pode inferir é que o transtorno das facultades intellectuaes é verdadeiro, quando impellem o individuo a actos tão desesperados.

Mas contra este mesmo estado protestam muitas cartas que a finada deixou, e que se viam espalhadas por cima da mesa. Não poderiam ter levado, menos de dois ou tres dias a escrever, e em todas ellas o raciocinio era claro. Desapego do mundo e resolução inabalavel do suicidio, eram a expressão visivel do seu contheudo. O coração fallava por vezes atravez d'estes sentimentos frios e sinistros.

Entrando-se na alcôva, dava-se com a cama feita de fresco, e no travesseiro havia folhos e laços de fita, e na dobra de lençol, uma pequena renda de linho.

N'uma gaveta foram encontrados uns 300\$000 reis.

Poucas horas depois, o filho chorava ao lado do corpo, dizendo a todos, entre sinceros e penetrantes soluços, que a triste mania de sua mãe fôra sempre aquella, havia mais de dois annos.

Agora arredemos a vista d'este painel melancholico, e procuremos assumpto mais de satisfação.

A *Revista de 1867*, no theatro das Variedades, não produziu o que esperava a empreza. O primeiro defeito da *Revista*, a meu ver, é não revistar nada. As allusões apparecem tão rebuçadas, a critica tão generica, que as individualidades desvanecem-se aos olhos do espectador, como nuvens de fumo a que a vista de balde tenta delimitar os contornos.

Cousa singular! Poucas epocas tem havido de mais impudencia nos costumes, e alardo d'essa mesma impudencia como esta nossa, e todavia é em tempos taes que a censura, esta velha hypoerita de escrupulos mentidos, arreda os olhos com santo horror para não ver em caricatura os escandalos que a não irritaram praticados pelos proprios auctores! A sua austeridade permite a devassidão, mas não permite que se lhe faça a historia! O castigo deve ir ao historiador.

Lembra-me, a este respeito, uma anecdota, passada com o finado estadista, Rodrigo da Fonseca Magalhães, que prova o valor que elle dava aos chamados melindres de certos Tartufos.

Representava-se no Gymnasio uma revista do anno. N'esse tempo o fallecido ministro do Brazil, Maciel Monteiro, morto ha pouco com o titulo de barão de Itamaracá, andava sempre por essas ruas de Lisboa com uns amplos punhos voltados, de tal abundancia de fazenda, que se diria que as fraldas da camisa lhe sabiam á flux pelas mangas da casaca.

O auctor da *Revista*, como aquillo era successo do anno, metteu em scena um individuo, que se dizia brasileiro, adornado com uns punhos, cujas dimensões podiam servir para o gigante adamastor.

Os espectadores parece que entreviram a allusão, e riram. Mas o sr. Maciel Monteiro, que queria disparatar em punhos sem a mofa da satira publica, reclamou contra o attentado, reputando-o questão *internacional!*..

Que tal?

Mas d'esta vez não foram os espectadores do Gymnasio que riram, foi o ministro do reino, que era Rodrigo da Fonseca. Apresentaram-lhe a reclamação, e elle disse que iria propriamente ver a *Revista*, afim de se assegurar por seus olhos da rasão do representante brasileiro.

Foi, e de um camarote, sentado ao fundo, assistiu á representação, quasi sempre de olhos fechados e cabeça empertigada para traz, como era seu costume.

Terminada a peça mandou chamar a direcção do theatro, e disse-lhe, que visto o ministro do Brazil não gostar de ver em scena aquelle homem dos punhos grandes, que o tirassem; e se o auctor carecia por força de alguém, para aquelle logar que o mettesse a elle Rodrigo.

Aqui tem como um espirito superior responde aos individuos, que só permitem que lhes tirem o retrato sendo favorecido.

Esteve por um triz a repetir-se em Lisboa, o milagre das pragas do Egypto. Ia começando pela dos mosquitos. Felizmente, o sr. Mesquita, activo e intelligente delegado de saude, teve mão n'esta tradição biblica.

O caso succedeu assim.

Na rua dos Algibebes começaram de apparecer uma nuvem de mosquitos, que entravam pelas casas e invadiam as lojas aos cardumes, tão grandes como vespas. Não mordiam que não deixassem empola, e de tão ruim qualidade que apostemava. Houve exemplos até de apodrecerem peças de carne, e aves mortas, logo depois tocadas pelos terriveis insectos.

Andava tudo inquieto, principalmente sabendo-se que d'estas mordeduras se origina muitas vezes a pustula maligna.

Procedeu-se ás mais escrupulosas investigações e vitorias pelos saguões, cocheiras e locaes reputados insalubres, mas nada se encontrou que justificasse as suspeitas. Por fim, a diligente actividade do sr. Mesquita, foi descobrir a causa n'um poço da rua da Prata, famoso na capital pelas suas tradições historicas. Este poço aproveitou, na sua construcção primitiva, as ruinas de umas thermas, ou banhos romanos, sendo o manancial tão abundante e perenne, que é dos poucos que conseguem acudir ás necessidades dos habitantes da localidade, nas grandes seccas do estio. O povo narra contos extraordinarios a respeito d'este poço, e effectivamente no seu interior existem largas escadas e arcarias que se estendem n'uma grande área subterranea, o que se percebe pelos repetidos e longinquos éccos que reboam, quando os baldes embatem pelas quinas d'aquella vasta e mysteriosa pedraria.

Mas vamos á cousa achada.

Todos sabem a terramoto que tem ido pelas ruas de

Lisboa, dès que deram em abrir canos sobre canos, sem previamente haver conhecimento de traçados já existentes. O resultado d'esta imprevidencia é vermos canos de limpeza a saltarem por cima da canalisação das agoas e estas a encontrar-se com os tubos do gaz. N'uma palayra, uma especie de systema arterial mas confuso e atropellando-se, mina actualmente as nossas ruas, com prejuizo da salubridade, e até damno para os predios.

Parece que, n'uma d'estas obras da canalisação, de limpeza, não houve cautella, e tanto se avisinhou das paredes do poço da rua da Prata, que as furou. O poço assim aberto no impedimento, recebeu a agoa corrupta e immundices, represando tudo no fundo, o que formou um pantano subterraneo, o mais pestifero de todos os pantanos. Das agoas estagnadas, e por fim de tempos, empestada, levantaram-se emanações miasmaticas, e geraram-se os insectos que saltaram a visinhança.

Hoje trata-se de exgotar o poço, o que não será obra facil, e por esta occasião os archeologos terão mais um ensejo de estudar e inquerir os mysterios d'esta velharia romana que terá de certo em seu favor a recommendação da historia, mas que nos ia sendo funesta, como aquellas cisternas mouriscas, de que nos falla a mythologia arabe da nossa peninsula, onde o curioso, a par de thesouros fabulosos, deparava muitas vezes com ramo de peste. O ramo de peste, felizmente, d'esta vez, foi atalhado a tempo: queira Deus que appareçam agora os thesouros, para cura e compensação das muitas ferroadas que levaram os logistas e inquilinos da localidade.

JOSÉ MARIA D'ANDRADE FERREIRA.

REGINA

ROMANCE ORIGINAL

POR

GASTÃO VIDAL DE NEGREIROS.

(Continuado do n.º 5.)

Ha muito tempo, sr. visconde, que nos não falla de seu amigo Alvim. Que é feito d'elle? Sinto que não tenha voltado ao Porto. Aquillo era um coração ás direitas! Lembra-me sempre da grande magoa e resignação com que soffreu o golpe da perda da esposa. Boa senhora, na verdade! e que grandes provas lhe deu do muito que lhe queria. Ouvi dizer que a familia d'ella ficou despeitada com o testamento; esperavam á falta de filhos auferir a sua grande riqueza. Bem fez ella. Recompensou como devia o carinho e extremo com que fora tratada. O caso é que elle hoje deve estar immensamente rico! Não é verdade, sr. visconde?

—Quem? não sei de quem está fallando,—respondeu o interpellado, de todo alheio á palestra de Anselmo.

—Não sabe! de Justino d'Alvim.

—Ah!... Tem uma casa magnifica na provincia; e vive com um fausto como se estivesse em Lisboa. Ago-

ra recordeo dizer-me elle ha dias n'uma carta que brevemente tencionava vir aqui.

—Sim? Pois estimo na verdade—accediu Anselmo.—Folgo de ter essa occasião de o abraçar.

Já a esse tempo a trovoadá estalava com toda a sua força sobre o caramanchão.

—S. Jeronimo! Santa Barbara Virgem!—exclamava D. Antonia aterrada.—Não fallem agora em riquezas. Boas riquezas são os dons do ceo, e a paz da consciencia. E então estas meninas que não tem medo—proseguiu alongando o pescoço por diante do marido. Chama-as Anselmo, e vamos a recolher; o tempo assustame. Estas trovoadas do sul são perigosas.

—Vamos nós sahindo d'aquí, que a chuva não tardará—respondeu o marido.—Vejo umas nuvens negras a correr que brevemente estarão connosco n'um aguaceiro.

—Vamos, vamos,—disse logo pressurosa D. Antonia levantando-se.—Regina! Eugenia! recolham-se meninas: o tempo não está bom para passeios.

—Eugenia veio sahir-lhes ao encontro dizendo:

—O' mamã ainda é tão cedo! Eu não tenho medo.

—Nada! nada! Olha tu então, que andas com essa tossesinha seca de que eu gosto bem pouco! Se te molhasses podias peiorar.

—Mas é que eu não vejo chover, mamã! O' Regina, choverá? perguntou a menina á irmã que se acercava do grupo, n'esse momento.

—Parece-me que não—respondeu esta fitando o ar.

—Não importa—tornou D. Antonia com soberania—vamos para caza.

—Que é isso, filha?—disse Anselmo sorrindo—Deixa as pequenas: não te zangues—e continuou voltado a ellas: Ora vamos a saber qual é a que não tem medo da chuva nem dos trovões? Es tu, Eugenia?

—Sou papá—respondeu esta promptamente.

—E tu, minha scismadora, também és animo forte?—perguntou atagando com dois dedos as faces de Regina.

—Pois fiquem mais um bocado, mas não se alonguem do jardim. Eu estou por dentro dos vidros, e chamo-as quando for tempo.

—Pois sim papá—clamaram ao mesmo tempo as meninas saltando ao pescoço d'Anselmo a colher uma caricia paterna.

—Está bom! está bom!—murmurou D. Antonia.—Tu é que as estragas.

—Deixa-as! deixa-as Antonia. Nós também já assim fomos!

E ao lado da esposa e do visconde, caminhou entregue ás suas reflexões.

V

Seis annos depois

Quem será esta elegantissima creatura?

—Qual?...

—Oh! que mulher!

—Mas que mulher? em quem fallas tu?

—No camarote 2 da segunda, não vês? Ninguem a conhece aqui! Provinciana não pode ser! os nossos montados não dão caça tão fina.

—Lá isso é verdade. N'aquella soberba cabeça ha um certo abandono de posição, familiar ás mulheres habituadas a frequentar o grande mundo. E senão, repara no trajar. Que magnifica simplicidade! Como lhe assenta bem o vestido de velludo cor de cereja limpo de rendas e enfeites...

—Será estrangeira?

—Não: a menos que não seja sevillhana. N'aquelles olhos tão bem rasgados ha a meiguice, e o ardor peninsular.

—Reparai que desdenhosa indifferença! Como relancea a vista por tudo isto!.. E' uma formosura esplendida!

—O homem que a acompanha, será pai ou marido?

—Olha.... quem entra agora no camarote? Não é Raphael Garcia?

—E' elle! São conhecidos. Lá o abraça o velho. A senhora parece commovida. Quem será esta gente?

Passava-se esta scena no theatro de S. João entre um limitado circulo dos chamados «janotas» do Porto.

Pouco e pouco, o magote foi crescendo até que um sujeito ultimamente chegado, d'estes que sabem tudo, satisfação a curiosidade geral.

—Esta mulher—disse elle—é a viscondessa de *** foi a mais linda rapariga do Porto.

—E' verdade—clamaram alguns, é verdade, é ella.

—Sem duvida alguma—continuou o que dera a noticia.—Conheço-a perfeitamente. O pai era um dos mais opulentos negociantes d'esta praça. A ambição de ver as filhas elevarem-se, perdeu-o. Coitado! Vive sozinho com um creado, mas demente, dizem, desde que perdeu a mulher, a qual succumbiu ao desgosto de ver duas filhas unicas que tinha, sacrificadas á cubiça do orgulho paterno. Eugénia, a mais velha, mataram-lhe o corpo contrariando-lhe uma afeição de creança; e esta, que alli vêdes mataram-lhe a alma obrigando-a a cazar com aquelle homem.

(Continúa.)

AMOR IMMORTAL

«No ceo ir-se-hão reunir
os teus amores e os meus!»

I

Ambos á mesma janella
um domingo nos chegámos
e o brando espirar do dia
em silencio contempnámos.

Expressiva o rosto d'ella
profunda melancolia,
eu tambem triste a seu lado
n'essa tarde me sentia.

Nas devesas e no prado
nem já flores nos sorriam,

nem já cantavam as aves
apenas os sons suaves
do sino ao longe se ouviam.

—Maria—lhe disse então—
eu sei porque bate ancioso
agora o meu coração:
não tem, desgraçadamente
um coração carinhoso
que responda ao que elle sente!

Deu-me em resposta um suspiro...
mas o suspiro exprimia
quanto a sua alma sentia!

E erguendo os olhos a Deus,
depois me disse a sorrir:
«No ceo ir-se-hão reunir
os teus amores e os meus!»

II

Passámos um anno amando-nos
com o amor de dois infantes:
uns deliciosos instantes...
que tranquillo e santo amor!
Que ventura a de dois entes
que vivem assim unidos
por laços tão innocentes...
oh! que enlevo dos sentidos!
que amor dos anjos, Senhor!

E ha quem chame val de lagrimas
este mundo em que vivemos!
Amemos, que amando vemos
todo este mundo florir!
Maria, a ingenua creança
que andava a folgar commigo
em volta ao casal amigo,
tenro botão de esperanza
que então principiava a abrir,
Maria ao correr da idade,
botão convertido em rosa,
Maria a sonhadora esposa,
e quasi, já quasi minha,
alou-se da terra um dia
batendo as candidas azas
porque emfim era pombinha
do ceo, e que ao ceo volvia!
Não foi regando com prantos
o caminho que seguia:
d'estes mundanos amores
não cuidava, pois sabia,
que a sua alma ao ceo subia...
e por isso quantas vezes
erguendo os olhos a Deus
ella me disse a sorrir:
«No ceo ir-se-hão reunir
os teus amores e os meus!»

III

Chorei largo tempo a ausencia
da que tão cedo partira!
Hoje a mão da Providencia
sacou-me o pranto, e a minha alma
por outro mundo suspirou!

Não morchi a companhia
dos meus brinquedos de infante
seu olhar a cada instante,
meigo, innocente, fagueira,

volve do ceu para mim.
E me alegre se entristesso,
e se vacillo me ampara,
e me anima se esmoreço
co'a luz da esperanza emfim!
Oh! quão grato é crer, meu Deos!

Debaixo d'essa janella
onde um dia os labios seus
mil protestos me juraram,
vejeta uma flor singela,
timida flor, que as mãos d'ella
cuidadosas cultivaram.
Quando ás tardes appareço
por ella me diz a flor:
« Não me esqueças, meu amor! »
e eu respondo: « Não te esqueço! »

Ai! não morreu a donzella
que alvorçada um domingo
me disse áquella janella
erguendo os olhos a Deus
com angelico sorrir:
« No ceo ir-se-hão reunir
« os teus amores e os meus! »

Setembro de 1866.

BULHÃO PATO.

MODAS

Uma das grandes difficuldades, hoje em dia, é entrar o escriptor no artigo modas, e mais importante, e transcendente para o sexo amavel. Fallem-lhe em comicios populares; eleitores bem quistos; abismos de dívida publica; necedades d'este ou d'aquelle ministro—veios estes nunca esgotados por nós se quereis matar-lhe a graça do sorriso fino e epigramatico que lhe notaes nos labios; quando se trata de analysar os atavios e enfeites de duas ou tres amigas intimas que estiveram no ultimo baile.

Pois é coisa que me tem feito scismar! A dama de intelligencia mais obtusa, e de ar sinceramente parvuo, em se tratando de modas, sae do seu serio; anima-se palra, gargareja com a visinha, e—coisa notavel!—torna-se espirituosa! Este milagre é, no meu entender, mil vezes mais estupendo que a varinha de Moisés.

E, em verdade, são tantos os bolleados, os rufos de *glacé* e setim; os cintos franjados e de grandes rozetas que é necessario para fallar em todas estas especialidades da *toilette* elegante muita paciencia, e folego de tres pulmões.

Os *sintos* monstros, só esses! Que profusão de fitas, e de laçarias! E os *fichús* á Maria Antoinete; e as longas charpas de seda ou tul; e as guarnições das saias formando ora uma espiguilha de folhas, ora as bandas recamadas de arabescos, e vidrilhos? Realmente esta profusão de modas é encantadora por que se topa a cada passo com exhibição que deixa a gente pasmada.

Já lá vai o tempo em que um figurino era de sobra para um anno! Os vestidos todos lizinhos, so differiam na côr e qualidade dos estofos. E os chapéus...

A proposito, que me dizem d'essas prateirinhas de gelêa postas sobre a nuca?

Uma das choradas barretinas de nossas mães dava hoje fazenda que farte para vinte!

E' a unica contradição em que achamos as dictaduras da elegancia.

O que estamos vendo, prova-nos que retrocedemos, e voltamos ao seculo dezoito com a differença de lhe faltarem as plumas e os grandes chapéus.

M.^{me} Emmeline Raymond descobriu-nos no mesmo seu jornal *La Mode illustrée*, que pela maior parte as *toilettes* que nos parecem hoje mais excentricas são visivel e litteralmente copiadas das dos celebres retratos da galeria de Versailles.

Emfim, para não dar ás damas portuenses uma repetição do que todos os dias se está dizendo nos jornaes, fallaremos nos modernos corpinhos, que são inegavelmente bonitos, e ainda pouco uzados.

Fazem-se com fita de seda preta, de meio centimetro de largura, bordado a contas de vidro ou com fitas de moire tambem preta, tres centimetros de largura, e renda da mesma côr dois a quatro centimetros de largo. Pode ser guarnecido a contas, vidrilhos ou botões.

Corta-se a musselina em duas partes á feição do corpo, costas inteiras, e formam-se as preguinhas no peito, reunindo-as todas na baze. Sobre este estofo ja preparado se dispõe a fita ou galão preto que forma os quadros vindo a terminar na cintura. O lado superior do corpinho é guarnecido com uma fita de moire d'um centimetro, ao qual prende a mais estreita das duas rendas, e as costuras são tomadas pela mais larga, de maneira que vem as duas a findar no cinto de moire de trez centimetros e meio de largo coberto com a renda. Do outro lado da cinta prendem-se as pontas que devem ter cada uma quarenta centimetros e são feitas com a fita de *moire*. O bordo de cada ponta, é cortada em triangulo, e adornada com pingentes de vidrilhos; outras são bordadas a contas em todo o comprimento e com botões redondos que prendem a meia altura as pontas entrelaçadas. Os colchetes que fecham na cinta são occultos por um boraco ou caza, feita na fita de moire e pelos bordados das contas ou vidrilhos.

E, por hoje, termino, aconselhando as minhas elegantes leitoras a que em vista da grande variedade de vestuario componham ellas mesmas, e sejam as principaes inspiradoras de suas modistas, e assim poderão alliando o bom gosto com a originalidade tornarem-se rainhas da moda. E' mais facil esta transmutação que escrever eu n'este sentido mais duas linhas.